



Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

A diversificação produtiva adotada pelos produtores familiares das unidades de produção do município de passo fundo ao longo do tempo – uma estratégia de sustentabilidade

Luiz Fernando Fritz Filho¹

Lovois de Andrade Miguel²

Karen Beltrame Becker Fritz³

Resumo

O estudo procurou compreender os fatores que induziram as transformações nas propriedades rurais no Município de Passo Fundo. Através da proposição de um modelo de análise que congregou as ferramentas derivadas das teorias

¹Dr. Luiz Fernando Fritz Filho; Administrador (FACE/PUCRS); Mestre em Economia Rural (FCE/UFRGS); Doutor em

Desenvolvimento Rural (FCE/PGDR/UFRGS). Professor Pesquisador da Universidade de Passo Fundo/UPF – fritz@upf.br

² Dr. Lovois de Andrade Miguel; Agrônomo (UFRGS), Mestre e Doutor em Agronomia. Instituto Nacional Agrônomo - Paris Grignon – França. Professor da Faculdade de Ciências Econômicas (FCE/UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (FCE/PGDR/UFRGS) – lovois@ufrgs.br

³ Dra. Karen Beltrame Becker Fritz; Economista (FCE/UFRGS); Mestre em Economia Rural (FCE/UFRGS); Doutora em Desenvolvimento Rural (FCE/PGDR/UFRGS). Professora Pesquisadora da Universidade de Passo Fundo/UPF – karenfritz@upf.br.

dos sistemas de produção, tipologias de unidade produtivas e análise de trajetórias, foram reconstruídas as principais trajetórias e estratégias empreendidas nas unidades de produção agrícola do município. As unidades de produção foram agrupadas e classificadas em quatro tipos, prevalecendo, na maior parte dos casos, forte diversidade na produção agrícola no que tange a comercialização e autoconsumo familiar.

Palavras-chave: *Trajetoórias, diversidade, estratégias de produ o.*

Abstract

The study intended to understand the factors that induced transformations in rural properties in the city of Passo Fundo. By proposing a model of analysis that gathered together the tools derived from theories of production systems, typologies of productive units and analysis of trajectories, were reconstructed the main trajectories and strategies undertaken in the agricultural production units of the municipality. The production units were grouped and classified into four types, prevailing, in most of the cases, strong diversity in agricultural production with respect to marketing and family self-consumption.

Keywords: *path, diversity, production strategies.*

I. Introdu o

As transforma es recentes da atividade agrícola no Brasil foram engendradas pela mudança na estrutura econ mica no decorrer das últimas décadas, em especial durante 1960 e 1970. O Estado, através de políticas de financiamento agrícola, cumpre um papel determinante na moderniza o da agricultura.

A cria o do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), em 1965, foi responsável pela transforma o da base técnica dos estabelecimentos agrícolas, pelo aumento da produtividade do setor e pela consolida o dos complexos agroindustriais.

No decorrer deste processo, o período entre 1965 e 1980 caracterizou-se pela relativa facilidade de expansão creditícia e das condi es de repasse aos produtores rurais. Porém, mesmo neste contexto, o setor que angariou melhores benefícios foi o agroindustrial, com o qual o governo possuía uma afinidade, especialmente, em rela o a unidades de benefício.

ciamento e processamento, como cooperativas e agroindústrias, estimulando o setor com políticas eletivas, tais como políticas de comercialização. No início da década de 1980, o Brasil ajusta-se à necessidade de geração de saldos para o controle do déficit público. Este ajuste limitou o volume de crédito concedido para sanear a dívida pública.

O quadro altera-se, sensivelmente, na década de 1990. A queda significativa de recursos aos produtores leva ao deslocamento da oferta de crédito da produção para a comercialização e aquisição de produtos. Devido às contingências, em relação à redução de gastos públicos (notadamente por parte do tesouro nacional, das exigibilidades e da caderneta de poupança), o setor privado desenvolveu mecanismos alternativos de financiamento.

No decorrer da década de 1990, se observa o aparecimento de uma série de movimentos sociais, criando-se a noção de “*agricultura familiar*”. Para Schneider (2003) a origem desta categoria está no processo de integração dos países da região do cone sul da América Latina, a partir do final da década de 1980, que culminou com a assinatura do tratado de Assunción, em 1991. A partir deste tratado foram estabelecidos vários acordos multilaterais, com objetivo de ampliar a integração econômica e comercial entre o Brasil, a Argentina, o Uruguai e o Paraguai. Em razão das feições aparentemente excludentes deste processo, pois a real participação das organizações de pequenos agricultores estava virtualmente vedada, a expressão agricultura familiar⁴ surge como uma noção de convergência e unificadora dos interesses dos pequenos proprietários rurais que se julgavam não apenas preteridos politicamente da integração, mas afetados economicamente, uma vez que a abertura comercial ameaçava determinados setores da agricultura brasileira em razão das diferenças de competitividade de seus produtos. Para o autor, a agricultura familiar é legitimada, pelo Estado, como uma nova categoria, através da implementação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), no ano de 1996.

⁴ Como pertencentes a esta noção, Schneider (2003) destaca os assentados, arrendatários, parceiros, integrados à agroindústria, entre outros atores que não poderiam ser confortavelmente identificados como pequenos produtores ou simplesmente trabalhadores rurais.

O PRONAF começa a ser construído após a promulgação da Constituição de 1988, período em que ocorre um reordenamento do Estado brasileiro. Ao se primar mais pela descentralização, introduziram-se novos mecanismos de gestão social das políticas públicas, visando democratizar o acesso dos beneficiários aos recursos públicos. Esse movimento conduziu a um aumento crescente dos conselhos gestores, tanto de políticas setoriais como das políticas gerais de desenvolvimento nas esferas federal, estaduais e municipais. Foi neste cenário que se criou, em 1996, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), atendendo-se a uma antiga reivindicação das organizações dos trabalhadores rurais, que colocavam a necessidade da formulação e implementação de políticas de desenvolvimento rural específicas para o segmento numericamente mais importante, porém o mais fragilizado da agricultura brasileira, tanto em termos de capacidade técnica como de inserção nos mercados agropecuários (MATTEI, 2006).

Sacco dos Anjos *et al.* (2006) em estudo sobre o impacto do PRONAF no Estado do Rio Grande do Sul, a partir de informações obtidas com os próprios beneficiários do Programa, suscitaram alguns pontos para reflexão. Apesar de avanços no aperfeiçoamento e ampliação do universo de cobertura, o programa permanece ancorado numa ambiguidade básica tanto em termos do público-alvo a ser beneficiado quanto dos objetivos essenciais que persegue. Na retórica oficial, mesclam-se orientações tipicamente produtivistas com compromissos mais amplos, como a geração de empregos, a inclusão social e o desenvolvimento territorial.

Uma consequência da evolução do modelo de agricultura construído no Brasil traduz-se na criação de um novo padrão agrícola e agrário, que favorece um grupo seletivo de produtores rurais e empresários agroindustriais. A partir disso, formata-se um quadro com destaque a determinados cultivos. Até o início da década de 1970, a produção da soja no estado gaúcho foi responsável por cerca de dois terços da produção nacional do grão. Verifica-se, no mesmo estado, a ampliação de determinadas culturas como arroz, milho e soja, em relação à produção e tipo de alimentos produzidos, no período entre 1950 e 1990 (MÜLLER, 1998).

A oferta de crédito rural, no período, foi acompanhada pela criação de um parque especializado em linhas de implementos agrícolas e insumos,

o que corroborou para a substituição dos sistemas produtivos de policulturas (que em muitas situações representavam também culturas de subsistência) para sistemas caracterizados por monoculturas.

O setor agropecuário alcançou, recentemente, um expressivo crescimento de produtividade, conjuntamente com significativas modificações na dinâmica ocupacional, através da queda do número de famílias ocupadas na atividade agrícola no Rio Grande do Sul. Entre 1981 e 1997 houve uma diminuição de 345 mil famílias⁵.

A estrutura fundiária do estado, entre as décadas de 1960 e 1990, apresentou um aumento significativo da concentração de área, notadamente, nos estabelecimentos com tamanho superior a 500 hectares. A partir de 1990 destaca-se a diminuição do total de estabelecimentos e área em propriedades pertencentes a estratos de área com tamanho entre menos de 10 e 100 hectares.

Um resultado dos processos de ocupação de terras e da modernização é a significativa variação nos indicadores sociais, de desenvolvimento e de produção na agricultura. As diversidades regionais podem ser avaliadas sob diferentes olhares, vieses teóricos e recortes territoriais. Seja através de investigações que se apropriam dos Sistemas Agrários ou mesmo de estudos que privilegiam o escopo das desigualdades regionais, há um aparente processo de diferenciação, que posicionou, lado a lado, uma heterogeneidade de categorias sociais na agricultura gaúcha. Em um polo, encontram-se grupos proprietários integrados a complexos agroindustriais. Em outro, avistam-se categorias e estabelecimentos à margem da dinâmica produtiva atual⁶.

Guanziroli e Cardim (2000) revelam que os agricultores familiares da região Sul destacam-se pela sua participação no VBP (valor bruto da produção) regional, sendo responsáveis por 35% da pecuária de corte, 80% da pecuária de leite, 69% dos suínos, 61% das aves, 83% da banana, 43% do café, 81% da uva, 59% do algodão, 92% da cebola, 80% do feijão, 98% do fumo, 89% da mandioca, 65% do milho, 51% da soja e 49% do trigo produzidos na região.

⁵ Ver em Schneider e Navarro (2000) *apud* Schneider e Waquil (2004).

⁶ Ver Schneider e Waquil (2004) e Kageyama (2005).

Breve evolução agrária do Planalto Médio e Município de Passo Fundo no Estado do Rio Grande do Sul

O Planalto Médio do Estado do Rio Grande do Sul, ao longo de sua história recente, passou por um intenso processo de diferenciação em sua agricultura. O sistema agrário da região baseou-se na atividade pecuária aliada à cultura da erva-mate durante a maior parte do século XIX. Este sistema modifica-se no início do século XX, com a chegada dos colonos europeus, associada à falta de competitividade dos estancieiros, que acabam por vender parte significativa da terra a companhias privadas de loteamento de colônias e aos próprios colonos.

O sistema colonial estruturou-se com a policultura, entrando em crise na década de 1940, pela dificuldade de reprodução dos agroecossistemas. Uma segunda fase deste sistema inicia em 1950, com o incremento da produção de trigo, pela aquisição de terras de estancieiros, e com a criação de uma estrutura com cooperativas, mecanismos de preços mínimos e infraestrutura de política e de pesquisa, gerando a expansão da área cultivada a partir de 1950. Nesta fase agrava-se o processo do êxodo rural, com a incorporação de tecnologias poupadoras de mão-de-obra, problema que se tornaria crescente desde então.

Os processos de expropriação dos caboclos e da legitimação dos colonos avançam, surgindo novos atores, denominados “*granjeiros*”⁷. Cabe destacar que parte substancial da mão-de-obra para o cultivo do trigo foi representada por agricultores familiares alocados em minifúndios, os caboclos. A produção de trigo entra em crise na década de 1960, pela concorrência do produto norte-americano, pela queda de subsídios e por problemas cambiais.

A partir de 1965 surgem novas exigências (tecnológicas, de recursos e mão-de-obra), modos de produção e relações sociais, iniciando um novo Sistema Agrário. O Planalto Médio, aparentemente, respondeu positivamente à lógica produtivista imposta pelos mecanismos da Revolução

⁷ Granjeiros podem ser definidos como profissionais liberais, comerciantes e pequenos industriais junto a agricultores familiares prósperos que utilizam mão-de-obra assalariada na cultura do trigo (SILVA NETO *et al.*, 2005).

Verde⁸ naquele momento. O principal sistema produtivo adotado foi o binômio trigo-soja, que contribuiu para a substituição de culturas de subsistência por culturas de verão. No final da década de 1970 foi extraordinária a expansão da lavoura de soja, o que caracterizou uma fase profundamente marcada pela monocultura, bem como em outras regiões onde a soja substituiu outras culturas tradicionais. A ênfase dada à expansão da monocultura da soja, através dos vários incentivos, levou, contraditoriamente, ao abandono de grande parte das culturas tradicionais de subsistência (feijão, milho, arroz etc.) obrigando o país a importar volumes apreciáveis destes produtos para abastecimento interno (BRUM, 1983).

No estado e na região do Planalto Médio⁹ a estrutura cooperativista é criada como um elemento articulador no processo de constituição de um parque agroindustrial, de modernização técnica de setores, regiões e produtos agrícolas (BENETTI e FRANTZ, 1985). A partir da década de 1970 as cooperativas deixam de atuar apenas localmente, buscando novas áreas de produção agrícola. Além disso, construíram unidades de produção de insumos agrícolas, de matérias-primas necessárias à sua fabricação e de esmagamento de grãos de soja. As cooperativas também passaram a apropriar-se das instalações de outras cooperativas, incorporando as suas estruturas e promovendo associações com terceiros com o objetivo de obter capital e tecnologia para entrarem em outros ramos da atividade.

Essas transformações na estrutura das empresas cooperativas foi chamada por Benetti e Frantz (1985) de sistema multicooperativo. As autoras destacam que a crise do sistema, na década de 1980, ocorre com a retirada do Estado do papel de indutor da economia. A partir daí as cooperativas enfrentam dificuldades para refinar suas dívidas, o que em conjunto com a queda dos preços agrícolas amplia o seu endividamento.

⁸ A região incorporou insumos, implementos agrícolas e técnicas como o plantio direto, estendendo esta estrutura a pequenas e médias propriedades (TEDESCO, 2006).

⁹ Na região do Planalto Médio destacam-se as cooperativas: Coopasso, Cotrel, Cotrigo, Coopemarau, Camila, Cotrisana, Coopera, Cotrisoja, Cotrijal, entre outras (TEDESCO e SANDER, 2002).

mento, inviabilizando a continuidade das atividades de parcela significativa destas cooperativas.

Processo semelhante desenvolveu-se com a Cooperativa Triticola de Passo Fundo (COOPASSO). Fundada em 1955 com 11 sócios, ampliou significativamente sua estrutura com a construção de depósitos, armazéns, infraestrutura de transportes etc. Na década de 1970, já contabilizando 2.100 associados, as funções da cooperativa se ampliam em razão da inserção da cultura da soja, com significativos investimentos na produção, estoques e comercialização do produto. A cooperativa incorpora um contingente de produção ligado a soja, milho e trigo, configurando-se como monopólio na comercialização de produtos da região, assumindo uma lógica mercantil que não se diferenciava em nada das firmas multinacionais do setor agroindustrial da região. A retirada do Estado do papel de indutor da economia, a falta de incentivo à diversificação e a descapitalização da cooperativa levam a sua crise e término na década de 1980 (TEDESCO, *et al.*, 2005).

Em termos de produção, na Região do Planalto Médio do Estado do Rio Grande do Sul e, especificamente, em Passo Fundo, é possível perceber três fases do processo de modernização da agricultura: a primeira, até o início da década de 1970, centrada no trigo, tendo, a partir dos anos 1960, a soja como lavoura secundária em crescente expansão e importância; a segunda, na década de 1970, com ênfase para o período 1972-1978, liderada pela soja, passando o trigo a uma posição secundária declinante; a terceira, a partir de 1978/1979, em que se passou a buscar uma maior diversificação de culturas, diante da vulnerabilidade e dos riscos decorrentes de basear a agricultura (e, por consequência, a economia da região) nos sucessos ou frustrações de apenas duas safras – o binômio trigo-soja (BRUM, 1983).

Neste quadro, a partir dos anos de 1990, as unidades de produção agrícola no Planalto Médio e, especialmente, em Passo Fundo assumem diferentes configurações produtivas, convivendo, em um mesmo território, unidades de produção agrícola destinadas unicamente à produção de culturas de verão e inverno, unidades com atividades de integração indústria-produtor familiar e produção de soja, propriedades com ativida-

des de cultivo de soja e criação, unidades com produção de produtos hortifrutigranjeiros, entre outras.

Objetivos do Estudo

Visando compreender os fatores que induziram as transformações nas propriedades rurais, a partir do processo de modernização da agricultura, o eixo central deste estudo é a reconstituição das trajetórias das unidades de produção agrícola do Município de Passo Fundo no Estado do Rio Grande do Sul. Através da compreensão da história e da lógica de evolução de cada propriedade pesquisada, analisaram-se as trajetórias desenvolvidas pelos produtores das unidades agrícolas até o presente momento. O estudo dá especial atenção à diversificação das estratégias dos produtores em suas unidades de produção.

Para tanto, procedeu-se à análise da evolução dos sistemas agrários, concomitantemente com investigação dos fatores internos e externos que contribuíram para a passagem entre os distintos sistemas de produção implementados pelos produtores rurais ao longo do tempo, permitindo a construção da trajetória desenvolvida nas unidades agrícolas do Município de Passo Fundo. Neste sentido, este estudo alia a noção de trajetórias das unidades de produção agrícola com a abordagem dos sistemas agrários e as tipologias dos sistemas de produção. A abordagem das trajetórias é também adequada para a configuração de novas formas de intervenção na agricultura, pois, ao retratar e analisar os principais eventos que afetaram as propriedades, o estudo pode contribuir para a redução das incertezas nas futuras proposições para o meio rural.

Foram analisadas as trajetórias de 81 unidades produtivas situadas no Município de Passo Fundo visando: (a). Identificar – através da aplicação de um modelo de análise de trajetórias de unidades de produção agrícola – os grandes sistemas produtivos com ênfase nos fatores internos e externos às propriedades, com especial atenção aos impactos das políticas de estado implementadas a partir do período da modernização da agricultura brasileira; (b). Analisar as trajetórias seguidas pelos distintos sistemas de produção identificados na pesquisa de campo; (c). Analisar as estratégias empreendidas no interior das unidades de produção agrícolas do Município de Passo Fundo.

II. Trajetória das Unidades de Produção Agrícolas de Passo Fundo– Modelo e operacionalização das variáveis

No presente estudo a metodologia empregada utilizou um modelo tipológico aplicado às trajetórias das Unidades de Produção de Passo Fundo, descrito a seguir. O modelo iniciou com *uma pré-tipologia das unidades de produção de Passo Fundo(a)*, através de uma pesquisa exploratória aplicada a agentes envolvidos com a agricultura da região.

- a) Foram arguidos atores, denominados informantes-chave¹⁰, selecionados pelo seu significativo envolvimento técnico com a agricultura na região do Planalto Médio e, especialmente, em Passo Fundo.

As entrevistas realizadas com estes informantes-chave foram pautadas em dois pontos principais: identificação de elementos e eventos que contribuíram para as mudanças na estrutura produtiva e técnica ao longo das últimas décadas na região do Planalto Médio e especialmente no Município de Passo Fundo e composição da estrutura produtiva (sistemas de produção) das propriedades rurais atualmente existentes na área agrícola de Passo Fundo.

A etapa seguinte permitiu uma *construção tipológica (b)* que foi realizada pela distinção das unidades em diferentes categorias (Tipos), analisando

¹⁰ Engenheiro-agrônomo da Emater; Técnico agrícola da Emater; Engenheiro agrônomo representante da Cooperativa Cotrijal; Técnico agrícola da Cooperativa Cotrijal; Pesquisador da Embrapa Trigo unidade de Passo Fundo; Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Passo Fundo e Região; Técnico responsável pela assistência técnica no sindicato e nas propriedades rurais de Passo Fundo; Representante regional do Sicredi responsável pela análise de modalidades de financiamento agrícola; Representante do Sicredi Passo Fundo, responsável no que tange à assistência técnica acerca de projetos de financiamentos à agricultura; Presidente do Sindicato Rural do Município de Passo Fundo – categoria empregadores; Produtores rurais ligados aos sindicatos (categorias empregadores e trabalhadores rurais); Pesquisadores do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em História Regional da Universidade de Passo Fundo; Representante do IBGE, unidade de Passo Fundo; Subprefeitos dos quatro distritos que compõem a área agrícola do Município de Passo Fundo (Bela Vista, Pulador, São Roque e Bom Recreio).

as práticas dos sistemas de produção em conjunto com as etapas da evolução das unidades pesquisadas. Para tanto, a pesquisa apoiou-se no modelo de “categorias de produtores e tipologias de sistemas de produção agrícola” proposto por Dufumier (2007), em associação com elementos de classificação tipológica que incorporam as chamadas “tipologias de trajetórias” de Berdegué e Escobar (1990) e também nas análises de Sebillotte Capillon (1980) e Perrot e Landais (1993).

A técnica de estudo de campo foi empregada nas unidades de produção da área rural de Passo Fundo, com a realização de entrevistas estruturadas com cada produtor responsável pela unidade de produção. Nesta etapa utilizou-se um formulário que contemplou as variáveis e os indicadores propostos.

O processo das entrevistas aos produtores avançou com a aplicação de sucessivas entrevistas, objetivando a busca, à exaustão, dos sistemas de produção ou tipos que representam a área rural de Passo Fundo. Para atingir este objetivo, foi necessária a realização de 81 entrevistas na área rural de Passo Fundo durante os anos de 2009 e 2010.

Foram selecionados dois grupos de variáveis expostos a seguir (Quadros 1 e 2).

Quadro 1 - Variáveis e indicadores da caracterização produtiva das unidades de produção da área rural de Passo Fundo.

VARIÁVEIS	INDICADORES
Área	Posse da terra (em ha*).
Atividades realizadas na unidade de produção	Área (ha), faturamento, comercialização (externa, consumo na unidade) por tipo de culturas, tipo de criação e outras atividades.
Receitas de outras atividades	Valor e tipo de receita.
Financiamento	Valor e tipo de financiamento.
Mão-de-obra	Modalidade, idade, número de pessoas, escolaridade e funções por tipo de mão-de-obra.
Máquinas, equipamentos e ben-	Tipo, quantidade e estado das máquinas, equi-

feitorias	pamentos e benfeitorias.
Permanência dos filhos na unidade	Número de filhos que residem na unidade de produção, escolaridade dos filhos e intenções de permanência nas atividades vinculadas à unidade de produção.
Objetivos do produtor quanto à unidade de produção	Permanência do produtor e suas intenções em relação à unidade de produção.
Fonte: Dados de pesquisa, 2010.	

*hectares

Um segundo conjunto de variáveis (Quadro 2) permitiu a identificação das trajetórias de cada unidade de produção analisada a partir da história da propriedade e da lógica da evolução de cada sistema produtivo ao longo do tempo.

Quadro 2 - Variáveis e indicadores da reconstituição histórica - trajetória - das unidades de produção da área rural do Município de Passo Fundo.

VARIÁVEIS	INDICADORES
História da propriedade	a. Relato do período e razões para o início das atividades na unidade de produção.
Reconstituição dos principais momentos da evolução da unidade durante o período de 1970	<p>a. Modificações sofridas pela unidade (área, sistema produtivo, mão-de-obra, atividades).</p> <p>b. Área.</p> <p>c. Atividades produtivas (em relação a culturas, criação e outras atividades).</p> <p>d. Ampliação de tecnologia (se amplia; de que forma amplia os recursos).</p> <p>e. Formas de ampliação tecnológica.</p> <p>f. Fatores que colaboraram para a mudança das atividades da unidade (mudanças técnicas, intervenção do Estado, mão-de-obra,</p>

	<p>falta de mercado, outra).</p> <p>g. Uso de políticas públicas (empréstimos e financiamentos).</p>
Reconstituição dos principais momentos da evolução da unidade durante o período de 1980	<p>a. Modificações sofridas pela unidade (área, sistema produtivo, mão-de-obra, atividades).</p> <p>b. Área.</p> <p>c. Atividades produtivas (em relação a culturas, criação e outras atividades).</p> <p>d. Ampliação de tecnologia (se amplia; de que forma amplia os recursos).</p> <p>e. Formas de ampliação tecnológica.</p> <p>f. Fatores que colaboraram para a mudança das atividades da unidade (mudanças técnicas, intervenção do Estado, mão-de-obra, falta de mercado, outra).</p> <p>g. Uso de políticas públicas (empréstimos e financiamentos).</p>
Situação da unidade no período composto pela década de 1990*	<p>a. Modificações sofridas pela unidade (área, sistema produtivo, mão-de-obra, atividades).</p> <p>b. Área.</p> <p>c. Atividades produtivas.</p> <p>d. Ampliação de tecnologia (se amplia; de que forma amplia os recursos).</p> <p>e. Formas de ampliação tecnológica.</p> <p>f. Fatores que colaboraram para a mudança das atividades da unidade (mudanças técnicas, intervenção do Estado, mão-de-obra, falta de mercado, outra).</p>

	g. Uso de políticas públicas (empréstimos e financiamentos).
Fonte: Dados de pesquisa, 2010.	

*Observação: O número de passagens das diferentes reconstituições dos sistemas de produção empregados ao longo do tempo varia de acordo com o relato de cada produtor entrevistado.

Os dados foram organizados e tabulados em uma planilha com uso do software SPSS 16.00, através da transcrição dos resultados e das respostas dos produtores durante as entrevistas.

De acordo com as unidades de produção investigadas, foram identificados quatro sistemas de produção na área rural de Passo Fundo analisados na próxima seção.

III. Análise dos Resultados

Tipo 1 – Caracterização e Trajetória do Sistema de Produção Hortifrutigranjeiro

A reconstituição da história recente das unidades de produção, durante a pesquisa de campo, evidenciou que os produtores inseriram-se neste Sistema de Produção (Tabela 1) entre as décadas de 1970 e 1990. No período anterior, a maior parte dos produtores praticava o cultivo de soja e trigo, como atividades principais. No entanto, fatores como a reduzida área agriculturável, dificuldade de acesso a equipamentos apropriados às lavouras, dificuldades de aquisição de novas áreas de terra e de acesso a financiamentos oficiais impediram a manutenção deste sistema produtivo. Como consequência, parte significativa destes agricultores amplia, paulatinamente, a produção de produtos da horta para venda em pequenos mercados. Concomitantemente alocam parte de sua mão-de-obra em trabalhos temporários em estabelecimentos agrícolas na região, como fonte complementar de renda. Cabe destacar que, no início da década de 1990, desponta um movimento de intenso estímulo ao

mercado de produtos hortifrutigranjeiros, a partir da criação de feiras do produtor na área central do município, em associação com campanhas que destacavam os benefícios do consumo de vegetais, hortaliças e frutas.

As propriedades rurais com sistemas de produção que apresentam nos produtos hortifrutigranjeiros sua centralidade representam nos dias atuais aproximadamente 5% das unidades da área rural, segundo dados dos informantes-chave desta pesquisa. Estes produtores (classificados como pertencendo ao Sistema de Produção Hortifrutigranjeiro - Tipo 1) caracterizam-se por disporem de áreas de terra (Superfície Total) pouco extensas. Parte significativa da superfície total destas propriedades apresenta matas nativas, áreas de preservação e também a prevalência de reflorestamento, tornando a superfície agrícola útil restrita. Neste sistema de produção, as áreas disponíveis para cultivos ocupam quase a totalidade da superfície agrícola útil (SAU). Como principais atividades destacam-se os produtos de horta (como alface, rúcula, beterraba, milho-verde entre outros), bem como produtos ligados à fruticultura (em especial morango, melão, pêssego e melancia).

A comercialização da produção é efetuada em feiras especializadas (em hortifrutigranjeiros) localizadas na área central do município. Além do comércio nestes pontos de venda, muitos produtores também comercializam parte da produção em mercados de alimentação (fruteiras e mercados de porte médio).

Os cultivos de mandioca e milho, a criação de aves, suínos e vacas de leite (com um pequeno efetivo) bem como a produção de mel são destinados ao consumo da família. No entanto, eventuais excedentes destas produções são comercializados nas feiras já citadas.

Já a mão-de-obra alocada nas atividades dos estabelecimentos rurais pesquisados é composta basicamente pelo produtor e por seus familiares. A tecnologia utilizada baseia-se, sobretudo, nos equipamentos e implementos de uso na horta e nos procedimentos de irrigação dos cultivos.

Cerca de 37,5% das unidades pesquisadas recorrem a financiamentos para a realização de investimentos do tipo estufas, sistemas de irrigação, sistemas de proteção de canteiros. Os recursos são oriundos do PRONAF, de cooperativas ou empresas agropecuárias da região.

Tabela 1 - Síntese das Características das Unidades de Produção pertencentes ao Sistema de Produção Hortifrutigranjeiro (Tipo 1).

Item	Característica
Área	Hectares
a) Área Média	10 hectares
b) Superfície Agrícola Útil	Cerca de 30% da área total da unidade são agriculturáveis (70% da SAU são compostas por reflorestamento, matas e área preservadas).
Propriedades do Sistema	Em Unidades
a) Unidades de Produção	8 Unidades de Produção
Produção Principal das Unidades	Produto (cultivos e derivados)
a) Horta	Alface, rúcula, beterraba, milho-verde, brócolis, repolho, couve-flor.
b) Pomar	Morango, melão, melancia, pêssego.
c) Autoconsumo	Feijão, queijo, milho (com eventual venda de excedentes)
Criação	Tipo de criação (finalidade)
a) Tipo de efetivo	Bovinos, suínos, aves e ovinos (autoconsumo)
Canais de Comercialização	Locais e características
a) Tipos de Mercados	Feiras especializadas em produtos hortifrutigranjeiros, fruteiras e mercados médios
Mão-de-obra	Quantidade (modalidade)
a) Familiar	Somente membros da família;
b) Outra forma	Eventual contratação temporária em períodos de colheitas

Rendas Externas à Unidade de Produção	Percentual em relação ao total da amostra
a) Aposentadoria Rural	Cerca de 25% (2 unidades) possuem este benefício
Recursos Financeiros	Percentual em relação ao total da amostra
a) Oriundos de Programas do Estado para Agricultura	12,5% (1 unidade) possuem financiamento na modalidade PRONAF investimento na unidade.
b) Outras fontes	25% (2 unidades) acessam financiamentos no mercado com empresas agropecuárias (uma unidade) e com cooperativas (uma unidade)

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010.

Uma estratégia adotada pelos produtores que implementam este sistema é a realização de cultivos sem o uso de agrotóxicos. A produção orgânica permite a agregação de valor na venda deste tipo de produto.

Tipo 2 – Caracterização e Trajetória do Sistema de Produção Aviário

Os produtores que compõem o Sistema de Produção Aviário (Tipo 2), apresentado na Tabela 2, implementaram, em suas trajetórias recentes, sistemas de produção semelhantes. A história destes produtores está associada aos seguintes fatores: inserção dos produtores na cultura do trigo a partir de 1950; ampliação da cultura da soja a partir da década de 1970; perda de importância de atividades comerciais de criação em conjunto com a consolidação da monocultura da soja entre as décadas de 1975 e 1990. No entanto, em tempos recentes, o fator que caracteriza estes produtores e seus sistemas de produção é a integração com as indústrias avícolas. Segundo a interpretação dos informantes-chave, entrevistados durante esta etapa da pesquisa, o município apresenta entre 5% e 10% de unidades de produção que implementam atualmente este sistema.

As unidades de produção que integram este sistema de produção compõem-se de produtores proprietários e suas famílias. Cerca de 90% da superfície total das unidades são terras agriculturáveis. A maior parte da superfície agrícola útil é alocada para o cultivo da soja e do milho e, eventualmente, trigo e aveia. A soja é comercializada com cooperativas e empresas especializadas em recebimento de grãos na região. Já o milho, normalmente, destina-se ao consumo na unidade, especialmente para alimentação do efetivo de criação. Nas unidades é mantida a produção de horta e pomares (em pequenas áreas) para consumo familiar. Também realiza-se a criação de bovinos, suínos e ovinos para autoconsumo, sendo estes excedentes de produção eventualmente vendidos a vizinhos.

A avicultura integrada, centralidade deste sistema de produção, foi rapidamente desenvolvida por configurar-se numa alternativa à monocultura da soja. A baixa exigência de mão-de-obra e as facilidades de manejo dos aviários, associadas ao ingresso monetário contínuo (oriundo da receita de cada lote comercializado à indústria), levaram à consolidação desta atividade neste sistema.

Os aviários são manejados em lotes. A empresa integradora fornece insumos e a assistência técnica necessária para que o produtor, após um período médio de 40 dias, encaminhe os lotes com frango para empresa, de acordo com as especificações técnicas acordadas.

A mão-de-obra nestas unidades é de base familiar, com a contratação momentânea de diaristas nos períodos de colheita da soja. Para as atividades relacionadas exclusivamente ao aviário, os produtores contratam um funcionário, em tempo integral. Esta prática da contratação é recente e está associada às novas exigências sanitárias das indústrias, que demandam cuidados extremos em relação a higiene e normas de segurança. Esta exigência vem pressionando os produtores com menor disponibilidade de mão-de-obra familiar a recorrerem à contratação externa.

O nível tecnológico responde principalmente às necessidades de modernização dos aviários. Investimentos para ampliação e manutenção desta atividade (como a construção de novos aviários ou a substituição de aviários mais antigos, ou mesmo alterações na tecnologia interna e formas de criação, que envolvem novos cuidados sanitários, entre outros) são

recorrentes. Portanto, é possível afirmar que esta atividade está em expansão no município, pois muitas unidades já realizaram investimentos, através de reformas, construção e/ou ampliação dos aviários, sempre em conjunto com as diretrizes e exigências sanitárias impostas pelas indústrias parceiras.

Tabela 2 - Síntese das Características das Unidades de Produção pertencentes ao Sistema de Produção Avicultura (Tipo 2).

Item	Característica
Área	Hectares
a) Área média	50,25 hectares
b) Superfície Agrícola Útil	90% da Superfície Total das propriedades do sistema de produção
Propriedades do Sistema	Número de Unidades
a) Número de unidades	10
Produção Principal das Unidades	Produto (cultivos e derivados)
a) Soja	Ocupa a totalidade da superfície agriculturável
b) Milho	Ocupa pequenas parcelas de áreas das unidades
c) Autoconsumo	Leite, hortaliças e carne derivada do efetivo da unidade
Criação	Tipo de criação (finalidade)
a) Aves	Aviários integrados com indústria
Canais de Comercialização	Locais e características
a) Tipos de Mercados	Soja comercializada em empresas da região e cooperativas
Mão-de-obra	Quantidade (modalidade)
a) Familiar	Membros da família

b) Outra forma	Um funcionário permanente (aviário) e demais funcionários em períodos de colheita de grãos
----------------	--------------------------------------------------------------------------------------------

Rendas Externas à Unidade de Produção	Percentual em relação ao total da amostra
----------------------------------------------	--------------------------------------------------

a) Aposentadoria Rural	Cerca de 40% dos produtores possuem o benefício
------------------------	-------------------------------------------------

Recursos Financeiros	Percentual em relação ao total da amostra
-----------------------------	--------------------------------------------------

a) Oriundos de Programas do Estado para Agricultura	60% dos produtores possuem financiamento para lavoura de soja e milho, na modalidade custeio e eventualmente investimento.
-----------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

b) Outras fontes de Financiamento	Indústria avícola financia parte dos investimentos da atividade
-----------------------------------	-----------------------------------------------------------------

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010.

Para investimentos e ampliação estrutural das unidades, os produtores deste sistema recorrem, historicamente, a recursos oficiais. Porém, atualmente, destaca-se a utilização de linhas oficiais de crédito para o custeio das lavouras (PRONAF). Os financiamentos para a avicultura normalmente são do tipo parciais. Ou seja, as indústrias parceiras (integração) auxiliam parte dos projetos enquanto o restante do financiamento é buscado, pelo produtor, através de linhas de crédito específicas do Estado para estes empreendimentos (por exemplo, Banco Regional de Desenvolvimento Econômico - BRDE).

Por fim, ressalta-se que, neste sistema de produção, cerca de 40% dos entrevistados possuem aposentadoria rural, benefício percebido pelos produtores como um importante ingresso de renda.

Tipo 3 – Caracterização e Trajetória do Sistema de Produção Leite

Os produtores que implantam o Sistema de Produção Leite (Tipo 3) em sua trajetória passaram por dificuldades financeiras em período recente

(Tabela 3). Fatores relacionados à partilha das terras (pequenas áreas de terra), ao insucesso na produção de soja e de trigo, durante as décadas de 1970 e 1980, contribuíram para essa redução expressiva da renda da maior parte das propriedades que desenvolvem este sistema. Outro fator impactante foi a dificuldade em honrar empréstimos agrícolas em um quadro inflacionário, sobretudo a partir de 1980. Neste contexto, nos anos de 1990, a atividade leiteira passa a receber uma maior atenção por parte destes agricultores, em decorrência da crescente demanda da indústria de leite. A partir de então, a atividade leiteira assume um papel central neste tipo de sistema produtivo. Atualmente, no município, aproximadamente 20% das propriedades rurais implementam este sistema de produção (Dados da Pesquisa, 2010).

Nessas unidades produtivas, as áreas agriculturáveis estão entre 5 e 65 hectares, com a prevalência de propriedades com pequenas áreas, em média 27 hectares. Residem nas unidades de produção o produtor e seus descendentes (filhos e netos) que dependem, para a manutenção da família, exclusivamente da renda oriunda das atividades agrícolas.

Uma parcela significativa destes produtores ainda mantém áreas com o cultivo de soja (60% a 80% da SAU – superfície agrícola útil) e de milho (20% a 25% da SAU). A produção de soja é comercializada com empresas privadas cerealistas da região. Neste sistema, os produtores consideram a receita do cultivo da soja como uma fonte adicional de receita. A produção de milho é utilizada para consumo na unidade e para a produção de silagem. Comum também entre os produtores é a manutenção de um baixo efetivo de bovinos, suínos e ovinos, com produção destinada ao autoconsumo, havendo, eventualmente, a comercialização de excedentes na própria região. Além disso, a maior parte dos produtores mantém produção de alguns produtos da horta e pomar com estratégia de autoconsumo.

A atividade central neste sistema de produção é a produção de leite escoada em distintos canais de comercialização. Na venda direta à indústria, o leite é recolhido nas unidades de produção por caminhões-tanque. Já na comercialização direta, o produtor vende o leite, acondicionado em vasilhames, em estabelecimentos comerciais e residências, na área cen-

tral de Passo Fundo. Ainda ocorre a comercialização de leite nas feiras de hortifrutigranjeiros, realizadas no centro de Passo Fundo.

Tabela 3 - Síntese das Características das Unidades de Produção pertencentes ao Sistema de Produção Leite (Tipo 3).

Item	Característica
Área	Hectares
a) Área média	27 hectares
b) Superfície Agrícola Útil	Cerca de 65% da área é agriculturável nestas unidades
Propriedades do Sistema	Número de Unidades
a) Número de unidades	11
Produção Principal das Unidades	Produto (cultivos e derivados)
a) Soja	Cerca de 60% a 80% da área agriculturável da unidade
b) Milho	Cerca de 20% da área agriculturável da unidade
c) Autoconsumo	Produtos da horta e pomar
Criação	Tipo de criação (finalidade)
a) Aves	Suínos, bovinos e ovinos para autoconsumo
Canais de Comercialização	Locais e características
a) Tipos de Mercados	Venda de leite à indústria, feiras e nas casas e pequenos mercados
Mão-de-obra	Quantidade (modalidade)
a) Familiar	Membros da família
Recursos Financeiros	Modalidade do recurso (finalidade)
a) Oriundos de Programas do Estado para Agricultura	45% dos produtores possuem financiamento para lavouras de soja e milho

ra

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010.

Entre as características positivas da produção leiteira, a venda diária e consequente ingresso de renda, a possibilidade de dispor de distintos tipos de comercialização e também a produção dos derivados do leite para comércio têm incentivado os produtores a investirem na atividade. A maior parte dos produtores tem aplicado recursos na compra de ordenhadeiras mecânicas e resfriadores de leite. No quesito alimentação animal, uma parcela significativa destes produtores tem recorrido a melhoria do cultivo de milho, aveia, de produção forrageira e de pasto. Destacam-se também investimentos em inseminação artificial e na seleção do gado leiteiro na busca de maior produtividade e menor custo de produção.

A busca por financiamentos do Estado, por parte destes produtores, para a atividade leiteira, ainda é incipiente. Os investimentos recentes são realizados diretamente com as empresas agropecuárias da região. Porém é interessante citar que parte dos produtores recorre à linha PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) para financiar suas pequenas parcelas plantadas com soja, milho ou aveia, que indiretamente proporcionam uma agregação de valor à atividade central do sistema.

A atividade leiteira na área rural que é realizada por estes agricultores tende a seguir o caminho da especialização. Entre as unidades pesquisadas, observou-se que parte da área alocada ao cultivo da soja vem sendo substituída pelo cultivo de milho, visando a ampliação da produção de silagem, destinada à alimentação animal. Também o arrendamento de pequenas áreas a terceiros é prática recorrente entre estes produtores, com a finalidade de gerar recursos monetários adicionais para investimentos no incremento da atividade leiteira.

Tipo 4 – Caracterização e Trajetória do Sistema de Produção Soja e seus subsistemas

O quarto Sistema de Produção implementado por produtores da área rural de Passo Fundo possui como atividade central o cultivo da soja. Segundo dados dos informantes-chave da pesquisa, este sistema de produção apresenta-se em funcionamento em 70% das propriedades rurais do município. Em decorrência das particularidades identificadas, optou-se pela divisão deste sistema de produção (e das propriedades que o compõem) em dois subsistemas: (a) Subsistema de Produção Soja-Criação e (b) Subsistema Soja-Cultivos de Inverno, analisados a seguir.

a) Trajetória do Subsistema de Produção Soja-Criação

Os produtores que implementam o Subsistema de Produção Soja-Criação (Tabela 4), ao longo de sua trajetória recente, dedicaram-se, principalmente, ao cultivo da soja associado com atividades de criação. Um elemento inerente a estas unidades é a realização da atividade de criação, sobretudo, criação de bovinos, já na década de 1940. Ou seja, a criação de bovinos esteve presente desde os primórdios da implantação destes agricultores na área rural do município. Estes elementos explicam, mesmo que parcialmente, as razões da manutenção de atividades de criação nestas propriedades.

A área média das propriedades que implantam este sistema, atualmente, é de 86 hectares, utilizados, sobretudo, com o cultivo de soja e atividades de criação de bovinos, suínos e eventualmente ovinos, com finalidade comercial.

A mão-de-obra é composta pelos membros que residem na unidade, havendo esporadicamente a contratação de diaristas em períodos com maior demanda de trabalho agrícola. A totalidade destes produtores é composta de proprietários das áreas de produção. No entanto, cerca de 36% da amostra de produtores arrendam áreas adicionais, visando a ampliação da área cultivada com soja e também a área cultivada com pastagem, para alimentação dos rebanhos. Cabe ressaltar que, em média, 65% da área total das unidades são utilizados para o cultivo da soja.

A comercialização da soja é realizada através de empresas cerealistas e cooperativas da região. A criação, que se apresenta como a segunda atividade em importância, está segmentada da seguinte forma: em torno de 96% das unidades criam bovinos, 68% criam suínos e 24% das unidades criam ovinos. Em aproximadamente 64% das unidades ocorre a cri-

ação de suínos conjuntamente com a criação de bovinos. A comercialização da produção animal é realizada com cooperativas, abatedouros e frigoríficos da região. Atualmente algumas indústrias e cooperativas da Região Sul estão implementando contratos com alguns produtores, para criação de suínos no sistema de confinamento para venda e posterior abate.

Um fato determinante para a consolidação destas unidades de produção que utilizam o Subsistema de Produção Soja-Criação foram os financiamentos, sobretudo durante as décadas de 1970 e 1980, para aquisição de maquinarias e benfeitorias. A maior parte das propriedades possui galpões, tratores, arado, pulverizador, colheitadeira e demais implementos para a lavoura de soja e para a técnica do plantio direto. Destacam-se, igualmente, o constante acompanhamento e a incorporação de novas técnicas agrícolas, de novos insumos e implementos no cultivo da cultura da soja.

Tabela 4 - Síntese das Características das Unidades de Produção pertencentes ao Subsistema de Produção Soja-Criação.

Item	Característica
Área	Hectares
a) Área média	86,14 hectares
b) Superfície Agrícola Útil	Em torno de 95% da superfície total das unidades
Propriedades do Sistema	Número de Unidades
a) Número de unidades	23 unidades
Produção Principal das Unidades	Produto (cultivos e derivados)
a) Soja	Em torno de 65% da superfície total
b) Milho	Necessário à alimentação animal
c) Autoconsumo	Sobretudo animal (ovinos, suínos e bovinos)
Criação	Tipo de criação (finalidade)

a) Bovino	Em conjunto com suínos
b) Suíno	Em conjunto com bovinos
Canais de Comercialização	Locais e características
a) Tipos de Mercados	Cooperativas, empresas da região e frigoríficos.
Mão-de-obra	Quantidade (modalidade)
a) Familiar	Membros da família
b) Temporária	Contratação eventual em momentos de plantio e colheita da soja
Rendas Externas à Unidade de Produção	Percentual em relação a amostra
a) Aposentadoria rural	60,86%
Recursos Financeiros	Modalidade do recurso (finalidade)
a) Oriundos de Programas do Estado para Agricultura	47,82% dos produtores utilizam financiamentos para custeio e investimentos na unidade de produção
b) Outras fontes de Financiamento	Investimento de empresas no processo de integração produtor-indústria

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010.

Atualmente, cerca de 47% dos produtores entrevistados recorrem ao financiamento, com destaque para o custeio e o investimento agrícola. Em aproximadamente 60% das unidades pesquisadas foi encontrada pelo menos uma pessoa na situação de beneficiário da aposentadoria rural.

b) Trajetória do Subsistema de Produção Soja-Cultivos de Inverno

A maior parte dos produtores que utilizam o Subsistema de Produção Soja-Cultivos de Inverno tem, em sua história recente, algum tipo de envolvimento com atividades paralelas à agricultura como, por exemplo, a exploração de madeira, olarias, moinhos artesanais, moinhos de trigo, ou frigoríficos. Ou seja, estes produtores mantêm uma atividade

de comercial, associada a uma diversidade de atividades agrícolas, desde os tempos passados.

Além do cultivo da soja, destacam-se os cultivos de inverno, notadamente, do trigo e de aveia. A rotação de cultivos de inverno e de verão permite a estes produtores otimizar a mão-de-obra, os equipamentos de lavoura e a área agriculturável disponível em suas unidades de produção (Tabela 5).

As unidades que implementam este sistema de produção apresentam áreas médias em torno de 76 hectares e 55% dos produtores arrendam terras adicionais, visando a produção de grãos. A mão-de-obra utilizada é composta pelo produtor e seus familiares. No entanto, algumas unidades de produção ainda são compostas por, pelo menos, um empregado permanente e, nos momentos de colheita dos cultivos, realizam contratações temporárias.

A produção de soja ocupa cerca de 70% a 80% da área total agriculturável da maioria das unidades de produção entrevistadas. Como canais de comercialização, estes produtores recorrem a empresas cerealistas locais, cooperativas (locais e regionais) e empresas multinacionais de captação de grãos. A maior parte destes produtores mostrou-se cautelosa quanto ao melhor momento de venda e quanto aos preços recebidos pela produção. Realizam avaliações em relação a preços pagos, nos diferentes canais comerciais, recorrendo a mecanismos de proteção como assessorias de cooperativas e também a mecanismos de estoque de parte da produção em cooperativas e empresas locais, barganhando, deste modo, melhores preços e condições de venda da produção.

Parte significativa dos agricultores entrevistados cultiva milho para consumo próprio, notadamente para alimentação animal, salientando que em somente 30% das propriedades ocorre a comercialização desta produção. Entre as culturas de inverno, parcela importante destes produtores cultiva o trigo (51%), a aveia (82%) ou ambos (44%). A produção de trigo é comercializada para moinhos e cooperativas locais. Já a produção de aveia, em muitas propriedades, é utilizada para alimentação animal, sendo seu excedente eventualmente comercializado. Cerca de 70% das unidades entrevistadas apresentam áreas com pastagem cultivadas e/ou campo nativo. A maior parte possui bovinos, suínos e ovinos,

para consumo interno e venda em pequena escala. Da mesma forma, os produtores possuem vacas de leite para consumo da família, além da venda de leite e queijo eventualmente para vizinhos. A produção da horta e dos pomares tem como destino o autoconsumo familiar.

Tabela 5 - Síntese das Características das Unidades de Produção pertencentes ao Subsistema de Produção Soja-Cultivos de Inverno

Item	Característica
Área	Hectares
a) Área média	76,53 hectares
b) Superfície Agrícola Útil	90% da superfície total
Propriedades do Sistema	Número de Unidades
a) Número de unidades	29
Produção Principal das Unidades	Produto (cultivos e derivados)
a) Soja	70 a 80% da área agriculturável
b) Milho	Até 20% da área agriculturável
c) Autoconsumo	Horta, pomar e consumo animal de bovino, suíno e ovino
Criação	Tipo de criação (finalidade)
a) Bovinos	Autoconsumo e venda em pequena escala na região
b) Suínos	Autoconsumo e venda em pequena escala na região
c) Ovinos	Autoconsumo e venda em pequena escala na região
Canais de Comercialização	Locais e características
a) Tipos de Mercados	Moinhos e cooperativas locais, indústrias locais
Mão-de-obra	Quantidade (modalidade)

a) Familiar	Membros da família
b) Outras formas	Permanente e temporária
Renda Externa à Unidade	Percentual em relação a amostra
a) Aposentadoria Rural	48%
Recursos Financeiros	Modalidade do recurso (finalidade)
a) Oriundos de Programas do Estado para Agricultura	58% acessam crédito para custeio e investimentos nas culturas de lavouras

Fonte: Dados de Pesquisa, 2010.

Cerca de 48% dos produtores entrevistados contam com o benefício da aposentadoria rural. Em relação aos financiamentos agrícolas, 58% deles recorrem a alguma modalidade junto a agentes do Estado, em grande parte destinados aos cultivos de lavoura. Os equipamentos disponíveis são compostos por máquinas e implementos relacionados aos cultivos de lavoura, havendo uma constante renovação destes bens.

IV. Considerações finais: “a diversidade e as estratégias das unidades de produção agrícolas do Município de Passo Fundo”

Os processos recentes de transformação dos sistemas produtivos da maior parte das unidades rurais de Passo Fundo estão relacionados, predominantemente, a elementos pertencentes à formação da história regional/local e às estratégias de produção articuladas pelos produtores.

A agricultura do ponto de vista setorial aponta para a prevalência de um tipo de agricultura dependente de cultivos ligados a um padrão tecnificado, com ênfase em culturas de lavouras comerciais, como, por exemplo, a soja, o milho e o trigo, que estão presentes, respectivamente, em 87,65%, 79,01% e 28,39% das unidades investigadas na pesquisa de campo. Nas unidades de produção do município, além das lavouras comerciais, estão presentes, embora em menor escala, as atividades de criação de bovinos (82,71%), suínos (67,90%) e a produção de leite (74,07%).

Além disso, em 93,82% das propriedades, a mão-de-obra é composta por membros da família, que residem na unidade de produção. As características encontradas nas unidades pesquisadas na área rural do município sugerem a forte presença de um tipo de agricultura familiar. As diferenças entre agricultores familiares estão associadas à própria formação dos grupos ao longo da história, às várias heranças culturais, às experiências profissional e de vida particulares, ao acesso e à disponibilidade variável de um conjunto de fatores, entre os quais os recursos naturais, o capital humano, o capital social. Essa diferenciação também está associada à inserção dos grupos em paisagens agrárias diferenciadas umas das outras, ao acesso diferenciado aos mercados e à inserção socioeconômica dos produtores, que resultam tanto das condições particulares dos grupos como de oportunidades criadas pelo movimento da economia como um todo, por meio de políticas públicas etc. (BUAINAIN, 2006).

Na análise das trajetórias das unidades de produção representativas dos quatro sistemas de produção presentes na área rural foram identificadas algumas estratégias que são inerentes aos agricultores e aos sistemas de produção implementados. Concomitantemente à presença da produção para consumo familiar, existem os sistemas de produção com diversidade de atividades (integração direta entre produtor e indústria; criação e cultivos de inverno), além do sistema de produção que tem inserido os produtores em novos mercados, os quais demandam produtos diferenciados.

A relevância da produção animal e/ou vegetal para autoconsumo tem-se apresentado como uma importante lógica de minimização de custos de alimentação nas unidades familiares de Passo Fundo. O que de fato surpreende é sua representatividade: dentre as unidades pesquisadas, 85% têm horta, 92% têm pomar e em 90% delas permanece, pelo menos, um tipo de atividade de criação, ou seja, a maior parte dos tipos de produtores identificados nesta pesquisa mantém em seus sistemas de produção áreas destinadas à produção animal e/ou vegetal, alocadas, pelo menos em parte, para o consumo familiar.

A produção visando o autoconsumo vai ao encontro de grande parte das unidades de produção brasileiras. Estudo recente realizado pelo IPEA (2013) denominado “*A Produção para autoconsumo no Brasil - uma análise*”

se a partir do Censo Agropecuário 2006'apontou a existência de 5.175.636 estabelecimentos agropecuários no Brasil, entre os quais em 72,72% (3,7 milhões) há produção para autoconsumo.Os dados do estudo demonstram que em praticamente 18% dos estabelecimentos rurais brasileiros a produção para autoconsumo responde por mais de 90% da produção total. Um ponto determinante é a consideração dos autores acerca de que *“as estratégias de reprodução social dos estabelecimentos rurais extrapolam o âmbito da produção agrícola, pois o número de estabelecimentos que realizam atividades nãoagrícolas é cada vez maior, assim como as fontes de renda são cada vez mais diversificadas”*(p.24).

No presente estudo ressalta-se a relevância do autoconsumo na unidade que representa o Tipo 3 (Sistema Leite), ao dispensar o dispêndio monetário para a aquisição desses produtos no mercado e, dessa forma, ampliar a situação de segurança alimentar dos membros residentes na unidade de produção (Tabela 6). Cabe destacar que, mesmo impactando, de forma contundente, no Sistema Leite, a maior parte das unidades analisadas no trabalho de campo destina uma parcela de sua produção animal e vegetal ao consumo familiar.

Tabela 6 - Indicadores socioeconômicos do Sistema de Produção Tipo 3 (Sistema Produtivo Leite) – Rendas da Unidade

Indicador	Sistema de Produção Leite
Autoconsumo vegetal	R\$ 1.792,00
Autoconsumo animal	R\$ 12.889,00
Renda total proveniente do Autoconsumo	R\$ 14.681,00
Renda Agrícola	R\$ 12.856,74
Renda de Aposentadoria	R\$ 4.980,00
Rendas Externas (arrendamento)	R\$ 4.000,00
Renda Total	R\$ 21.836,74
Participação da Renda do Autoconsumo na Renda Total	67, 23%

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

O agricultor familiar, ao garantir sua segurança alimentar, produz também, num mesmo processo social, a sua autonomia parcial e relativa perante o mercado, os mecanismos de preços e as condições de troca que este lhe imputa. Além disso, a produção própria assegura a reprodução social e forma uma espécie de “lastro” de apoio, pelo qual o agricultor familiar pode reagir a sua situação social, buscando diversificar as suas estratégias de vivência pela ampliação das suas atividades produtivas, rendas, ativos e capacidades de obtê-los (ELLIS, 2000). O fortalecimento desta produção permite ao agricultor familiar a diversificação das suas estratégias de vivência e representa um dos caminhos viáveis para o combate à pobreza rural.

As estratégias de produção diversificadas implementadas pelos agricultores, especificamente no município em estudo, remetem a tempos passados, por meio das suas relações comerciais desenvolvidas ao longo do tempo. A prevalência do caráter comercial, identificado pelo envolvimento dos agricultores com comerciantes na construção da agricultura e da integração regional, empreendendo moinhos, cooperativas e comércios, permitiu a rápida assimilação por parte dos produtores desses novos processos de modernização da agricultura no município.

Nesse prisma, especialmente, o sistema de integração do tipo avícola desenvolveu-se, a partir de 1990 na área rural. Elementos facilitadores, como baixo custo da mão-de-obra, ingressos contínuos de renda, entre outros, incentivaram a implantação e ampliação deste tipo de integração nas unidades de produção. Esta prática é compreendida como uma estratégia de diversificação, sobretudo a produção da monocultura da soja. A Tabela 7 apresenta a importância de renda proveniente desta atividade na unidade.

Tabela 7 - Produto Bruto Total, Participação Monetária dos Produtos Principais da Unidade e Participação Percentual em Relação ao Total da Produção do Sistema de Produção 2 (Avícola)

Indicador (Produto Bruto Total e por atividades principais na unidade)	Em Reais(R\$)	Participação %
PB total (R\$)	R\$ 193.840,00	100
Participação da Soja	R\$ 88.000,00	45,39
Participação do Milho	R\$ 33.840,00	17,45
Participação dos Aviários	R\$ 72.000,00	37,14

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

A diversificação de atividades também está presente entre os produtores responsáveis pelas unidades de produção que apresentam sua centralidade na produção da soja, incluindo e/ou ampliado um maior contingente de atividades agrícolas nos sistemas de produção atualmente praticados. Detalhando a análise, verifica-se que no Subsistema de Produção Soja-Criação tem sido desenvolvida, recentemente, a atividade de criação de suínos, em parceria com indústrias da região. Mesmo apresentando uma participação de 7,49% em relação à receita do total da produção da unidade, este tipo de atividade agrega ao produtor ingressos contínuos de renda, por meio do contrato existente entre o produtor e indústrias da região que compram os lotes de suínos da unidade. Já na análise do Subsistema de Produção Soja-Cultivos de Inverno, que, da mesma forma, possui na produção de soja a sua centralidade, a receita dos cultivos de inverno participa com cerca de 13% da receita da produção total da unidade. A lógica econômica principal deste subsistema está alicerçada na possibilidade de otimização de área e de recursos para plantação dos cultivos de verão e inverno conjuntamente.

Outra estratégia implementada está na inserção do cultivo de produtos da horta e de frutas em mercados alternativos (ou diferenciados), pela organização dos produtores em redes de comercialização (as feiras de produtores). As unidades que aderem a este tipo de produção (hortifrutigranjeira), em caráter comercial, possuem escassez de área agricultável para cultivos de lavouras (soja, milho e trigo); dessa forma, otimizam os recursos e agregam valor à sua produção. A escolha desta produção rural também pode ser compreendida como uma forma de manuten-

ção de parte dos agricultores na atividade agrícola da área rural do município e de combate à pobreza rural. A Tabela 8 apresenta o significativo valor da renda auferida na produção conjunta dos produtos comercializados em feiras especializadas pelo produtor.

Tabela 8 - Superfície utilizada para produção de hortifrutigranjeiros na unidade e renda agrícola da unidade de produção (sistema produtivo hortifrutigranjeiro)

Indicador	Valores (em Reais)
Superfície com hortifrutigranjeiros	1,5 hectare
RA	R\$ 90.371,87

Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Observação: o produtor realiza, nesta superfície, a produção de morango, melão, melancia, pêssego, alface, rúcula, beterraba, milho-verde, brócolis, repolho e couve-flor.

A produção de produtos do tipo orgânico na unidade investigada amplia substancialmente o valor de venda dos produtos comercializados nas feiras. Porém, deve-se ressaltar que os agricultores inseridos nesta rede realizam frequentes investimentos no que toca aos processos produtivos e à tecnologia empregada, garantindo também um padrão de procedência e qualidade desses produtos vendidos ao consumidor final, que apresenta forte preocupação com os atributos ligados à saúde e à filosofia da produção destes bens.

Embora a produção de soja seja marcante na região entre os produtores pesquisados na área rural, a análise da trajetória desses produtores permitiu concluir que existem no município estratégias diferenciadas de produção, de acordo com os tipos de atividades desenvolvidas nas unidades e a sua inserção nos mercados na região.

O estudo encontrou algumas dificuldades e limitações em sua construção. Um problema enfrentado foi a carência de informações oficiais acerca das características próprias de cada unidade de produção no Municí-

pio de Passo Fundo. Além disso, a falta de precisão no relato de determinados agricultores, provavelmente derivada da insegurança dos produtores quanto aos objetivos da pesquisa, levou ao descarte de determinadas entrevistas realizadas. Através das limitações apontadas a este estudo, novas discussões sobre a análise das trajetórias e estratégias utilizadas das unidades de produção serão sugeridas.

Referências

- BASSO, D.; DELGADO, N. G.; SILVA NETO, B. O Estudo de Trajetórias de Desenvolvimento Rural: caracterização e comparação de diferentes abordagens. **Desenvolvimento em questão**, Ijuí/RS, v. 1, p. 73-105, 2003.
- BELIK, W. Estado, Grupos de Interesse e Formulação de Políticas para a Agropecuária Brasileira. **Revista de economia e sociologia rural**, Brasília, v. 36, n.1, jan./mar. ,1998. 2000.
- BELIK, W.; PAULILLO, L. F. O financiamento da produção agrícola brasileira na década de 90: ajustamento e seletividade. In: LEITE, Sérgio (Org.). **Políticas públicas e agricultura no Brasil**. Porto Alegre: Ed. da Universidade (UFRGS), 2001.
- BENETTI, M. D. FRANTZ, T. R. (Coord.). **Desenvolvimento e crise do cooperativismo empresarial do Rio Grande do Sul 1957-1984**. Porto Alegre: FEE, 1985.
- BERDEGUÉ, J.; ESCOBAR, G. Efectos de la metodología de tipificación en la investigación de sistemas de producción. In: ESCOBAR, G; BERDEGUÉ, J. (Editores). **Tipificación de sistemas de producción agrícola**. Santiago de Chile: Gráfica Andes Ltda., 1990.
- BRUM, A. J. **Modernização da agricultura no Planalto Médio**. Ijuí (RS): FIDENE, 1983 (coleção biblioteca da vida rural, v.1).
- BUAINAIM, A. M. **Agricultura familiar, agroecologia e desenvolvimento sustentável: questões para debate**. Brasília: IICA, 2006.

DAL'MORO, S. M. RÜCKERT, A. A. A agricultura no processo de desenvolvimento no Planalto Médio rio-grandense. In: SILVA, A. M. R. *et al.* (Org.). **Estudos de geografia regional: o urbano, o rural e o rurano** na região de Passo Fundo. Passo Fundo: Ed. UPF, 2004. p. 26-68.

DUFUMIER, M. Importância de la tipologia de unidades de producción agrícolas em el analisis de diagnostico de realidades agrarias. In: ESCOBAR, G; In: ESCOBAR, G; BERDEGUÉ, J. (Editores). In: **Tipificación de sistemas de producción agrícola**. Santiago de Chile: Gráfica Andes Ltda, 1990.

_____. **La importancia de la tipologia de las unidades de producción agrícolas en el analisis-diagnostico de realidades agrarias**. Paris-Grignon, Instituto Nacional Agronómico, 1995.

_____. **Les projets de développement agricole: Manuel d'expertise**. Paris, ÉditionsKarthala, 1996.

_____. **Projetos de desenvolvimento agrícola: manual para especialistas**. Salvador: Ed. UFBA, 2007.

ESCOBAR, G; BERDEGUÉ, J. Conceptos y metodologia para latipificación de sistemas de Finca: la experiencia de RIMISP. In: ESCOBAR, G; BERDEGUÉ, J. (Editores). **Tipificación de sistemas de producción agrícola**. Santiago de Chile: Gráfica Andes Ltda., 1990.

FIBGE, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos econômicos do Rio Grande do Sul, 1950 - 1995/96**. Rio de Janeiro: IBGE, 1998, n. 22.

_____. **Censo agropecuário 2006: resultados preliminares**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

GIORDANO DELGADO, N. Política econômica, ajuste externo e agricultura. In: LEITE, Sérgio (Org.). **Políticas públicas e agricultura no Brasil**. Porto Alegre: Ed. da Universidade (UFRGS), 2001.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas, SP: UNICAMP.IE, 1996.

GRAZIANO DA SILVA, J.; DEL GROSSI, M. e CAMPANHOLA, C. O que há de realmente novo no rural brasileiro? **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, Brasília, v. 19, n.1, p.37-67, jan./abr. 2002

GUANZIROLI, C. E.; CARDIM, S. E. (Coord.). Novo Retrato da Agricultura Familiar: O Brasil redescoberto. Brasília: **Projeto de cooperação técnica** *FAO/INCRA*, fev/2000. 74 p. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/fao/pub3.html>.

LEITE, S. (Org.). **Políticas públicas e agricultura no Brasil**. Porto Alegre: Ed. da Universidade (UFRGS), 2001.

MASSUQUETTI, A. **A mudança no padrão de financiamento da agricultura brasileira no período 1965-97**. Dissertação (Mestrado em Economia Rural). Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Economia Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998

MATTEI, L. Políticas Públicas de Fomento a Produção Familiar no Brasil: O caso recente do PRONAF. In: *Anais XLIV Congresso da Sociedade brasileira de economia e sociologia rural*. Fortaleza, 2006.

MÜLLER, C. A. **A história econômica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Banrisul, 1998. 228p.

PERROT, [et al]. **L'analyse des trajectoires des exploitations agricoles**. Une méthode pour actualiser les modèles typologiques et étudier l'évolution de l'agriculture locale. *Économie Rurale* 228, , 1995.

PERROT, C. *et al.* Comment modéliser la diversité des exploitations agricoles? In: **Les Cahiers de la Recherche Développement**. France, CIRAD-SAR, 1995.

PERROT, C. LANDAIS, E. Exploitations agricoles: Pourquoi poursuivre la recherche sur les méthodes typologiques? In: **Les Cahiers de la Recherche Développement**. France, CIRAD-SAR, 1993.

SABOURIN, É.; CARON, P.; TONNEAU J. P. Dinâmicas territoriais e trajetórias de desenvolvimento local: reflexões a partir de experiências no Nordeste brasileiro. **Raízes**, Campina Grande, v.24, n. 01 e 02, jan./dez., 2005.

SACCO DOS ANJOS, F. [et al]. **Agricultura familiar e políticas públicas: o impacto do PRONAF no Rio Grande do Sul**. *Revista de economia e sociologia rural*, v.42, n.3, Brasília July/Sept. 2006.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

SCHNEIDER, S.; WAQUIL, P. Desenvolvimento agrário e desigualdades regionais no Rio Grande do Sul: uma caracterização socioeconômica a partir dos municípios. In: VERDUM R. [et al.], **Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SEBILLOTTE, M.; CAPILLON, A. Étude des systèmes de production des exploitations agricoles. Unetypologie. In: **Caribbean seminar on farming systems research methodology**. Pointe-à-Pire, INRA, 1980.

SILVA NETO, B. *et al.* Sistemas agrários do Rio Grande do Sul. Análise e recomendações de Políticas. Ijuí (RS): Editora UNIJUÍ, 2005.

TEDESCO J. C. [et al.]. **Agroindústrias, frigoríficos e cooperativismo: evoluções e contradições nas lógicas de desenvolvimento de Passo Fundo 1960-1980**. Porto Alegre: Ed. Est, 2005.

TEDESCO, J. C. **Agrodiversidade, agroecologia e agricultura familiar: velhas e novas faces de um processo de desenvolvimento na região de Passo Fundo - Pós-anos 90**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo; Porto Alegre: EST, 2006.

_____. **Colonos, carreteiros e comerciantes: a região do Alto Taquari no início do século XX**. Porto Alegre: Ed. Est, 2000.

_____. Contratualização e racionalidade familiar. In: **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. Passo Fundo (RS): Ed. UPF, 1999. p. 108-145.

_____. Passo Fundo e a produção do território pós-anos 1950: migração e urbanização. In: BATISTELLA, A. (Org.). **Passo Fundo, sua história: indígenas, caboclos, escravos, operários, latifúndios, expropriações, território, política, poder, criminalidade, economia, produção, urbanização, sociedade, mídia, imprensa, censura, religiosidade, cultura, gauchismo e identidade**. Passo Fundo: Ed. Méritos, 2007. v.1. p. 347-376.

TEDESCO, J. C.; SANDER, R. **Madeireiros, comerciantes e granjeiros: Lógicas e contradições no processo de desenvolvimento socioeconômico de Passo Fundo (1900-1960)**. Passo Fundo (RS), UPF, 2002.

Artigo recebido para publicação em:

04 de maio de 2013.

Artigo aceito para publicação em:

05 de junho de 2013.

Como citar este artigo:

FRITZ FILHO, Luiz F. MIGUEL, Lovois de A.; FRITZ, Karen B. B. “A diversificação produtiva adotada pelos produtores familiares das unidades de produção do município de passo fundo ao longo do tempo – uma estratégia de sustentabilidade”. In: *Revista IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade*, Rio de Janeiro – RJ, v. 7, n. 1, p. 135-173, 2013.